

TRANSGRESSÕES E MUDANÇAS NA AVALIAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Thaís Trindade de Ávila -UNIASSELVI
Maria de Fátima B. Cadore - UNOPAR –
e-mail: fatima.bravo@yahoo.com.br
Giséla Guedes – UNOPAR
e-mail: gslguedes@gmail.com

Eixo 4: ‘Organização do trabalho pedagógico’ nas escolas públicas na Educação Básica

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar e refletir sobre a possibilidade de transgressões e mudanças na avaliação dos anos iniciais do ensino fundamental, em uma escola da Rede Estadual de Educação, que atende todos os anos do ensino fundamental, situada na cidade de São Luiz Gonzaga/RS. Dar-se-á especial atenção à contribuição da avaliação na construção da cidadania, além de considerável ênfase à descoberta, orientando conceitos e atividades que levem a compreensão e a espontaneidade em diferentes situações de aprendizagem. Considerar-se-á que o professor deve ter uma consciência clara de seu fazer pedagógico, sempre preocupando-se com os compromissos na formação do cidadão e não simplesmente com a aquisição de conhecimentos sistematizados. Além disso, entende-se que ao aluno compete ser autor da sua própria aprendizagem, descobrir como é gostoso aprender, se envolver, construir. Conclui-se que transgredir, emancipar, e transformar a avaliação ainda é um desafio constante de toda ação pedagógica, se considerarmos os entraves concretos da realidade social que precisamos transpor. Além disso, se percebe que o ensino está relacionado com a transgressão e reinvenção da avaliação escolar, pois este novo milênio não permite mais cidadãos pacatos, mas solicita a participação efetiva em todas as fases da aprendizagem. Para coleta de dados foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas com o objetivo de verificar a possibilidade de transgredir e mudar a avaliação nos anos iniciais, além de abarcar conceitos sobre o papel do educador e do educando na avaliação escolar. Foi possível perceber que os profissionais da escola pesquisada têm plena consciência da importância de se procurarem novas formas de avaliar pautados pelos princípios da avaliação contínua.

Palavras-chave: Avaliação Escolar; Transgressões na Avaliação; Anos Iniciais.

A avaliação escolar e o processo de ensino-aprendizagem

A avaliação escolar do processo ensino-aprendizagem, historicamente, tem sido um tema polêmico e complexo em sua compreensão, bem como na prática pelos professores. Sabe-se que não se pode conceber a avaliação isolada, fora de um processo contínuo, participativo, diagnóstico e investigador. As informações, expressas na avaliação devem propiciar e redimensionar a ação pedagógica e educativa, reorganizando as ações do educando e do educador, no sentido de avançar no entendimento e desenvolvimento do processo transformador da aprendizagem.

Falar em avaliação é falar em mudança, comprometimento, mente aberta e determinação, somente com professores comprometidos com o fazer e decididos a participar é que mudaremos os rumos do ensino.

Luck e Carneiro que afirmam:

[...] afim de que cumpra o seu papel na promoção do desenvolvimento integral do educando, a escola deve ajudá-lo a aprender em todos os sentidos, isto é, não somente quanto a conhecimentos e habilidades intelectuais, e ao mundo exterior, mas também quanto às habilidades intelectuais, e ao mundo exterior, mas também quanto às habilidades sociais, pessoais, atitudes, valores, ideais e seu mundo exterior (LUCKESI, 1999, p. 12).

A avaliação se dá na busca de um conhecimento mais complexo do aluno e de sua maneira de aprender. O progredir na aprendizagem, integrando consigo mesmo, ajudando a analisar, compreender, sintetizar, comparar, julgar, escolher, e decidir criticamente.

É preciso, portanto, ressaltar que não se pode conceber a avaliação isolada, fora de um processo contínuo, participativo, diagnóstico e investigador, cujas informações, ali expressas propiciem e redimensionamento da ação pedagógica e educativa, reorganizando as próprias ações do educando, da turma, do educador, do coletivo, da escola, no sentido de avançar no entendimento e desenvolvimento do processo de aprendizagem.

É interessante refletir com a afirmação de Luckesi (1999, p. 42), que corrobora com esta idéia de avaliação transformadora, quando diz que “para que a avaliação educacional escolar assuma o seu verdadeiro papel de instrumento dialético de diagnóstico para o crescimento, terá de se situar e estar a serviço de uma pedagogia que se preocupa com a transformação social e não com sua conservação”.

Faz-se necessário salientar que a avaliação educativa é um componente fundamental do processo ensino-aprendizagem. Em vista das constantes transformações do mundo moderno, mudanças de paradigma e aumento da tecnologia, alguns professores, não conseguindo mobilizar seus alunos para o trabalho, passam a usar a nota como instrumento de força para obter disciplina e participação. E, a partir daí, as ações pedagógicas começaram a “funcionar” na escola.

Nesse contexto, ao considerar a avaliação como processo transformador, pode-se citar a fala de Vasconcelos:

a avaliação deve ser contínua para que se possa cumprir sua função de auxílio ao processo de ensino-aprendizagem. A avaliação que importa é aquela que é feita no processo, quando o professor pode estar acompanhando a construção do conhecimento pelo educando, avaliar na hora que precisa ser avaliado, para ajudar o aluno a construir o seu conhecimento, verificando os vários estágios do desenvolvimento dos alunos e não julgando-os apenas num determinado momento. Avaliar o processo e não apenas o produto, ou melhor, avaliar o produto no processo. (VASCONCELOS, 1995, p. 57).

Como destacou Vasconcelos, a avaliação deve primar pelo caráter de acompanhamento do processo como um todo, trabalhando o conhecimento, relações interpessoais e organização da coletividade. Neste caso, têm-se a avaliação como um instrumento que irá propiciar um momento de auto-educação, não como instrumento de nota, mas como coleta de dados dos aspectos intrínsecos (o real) da aprendizagem. O aluno e o professor “aprendem a aprender”.

Considerando que a aprendizagem se processa pela interação do indivíduo que aprende com o objetivo do conhecimento, o corpo docente através de sua formação e atualização constante contribui muito na diferença qualitativa do ensino, pois evita cair na acomodação que pode levar a aceitação da teoria do reducionismo, onde o professor é o dono do saber, e os alunos meros depósitos de informações, gerando assim, a aculturação do ser humano.

Neste sentido, o professor não se preocupará em impor padrões de aprendizagem e de conhecimentos, bem como conteúdos a serem transmitidos para moldar os alunos de acordo com padrões pré-estabelecidos. O parâmetro de crescimento, de superação de dificuldades é o próprio aluno. É medido por ele mesmo e não pelos outros. A preocupação volta-se para os valores construídos, que não podem ser refletidos meramente através de testes e notas.

Não obstante, o aluno deve ser colocado na exata posição que precisa ocupar, ou seja, como centro da ação pedagógica. Assim, o ser que se educa, descobre que as coisas têm sentido, na medida em que os conteúdos a serem trabalhados devem trazer em seu bojo um significado. Vejamos o esclarecimento de Martins a este respeito:

A aquisição do conhecimento, que alguns preferem chamar de aprendizagem, só é real e verdadeiro quando for um conhecimento adquirido pelo próprio sujeito. A verdade só é verdade quando o ser dela se apropria. O ser se apoderará das verdades somente quando suas emoções, suas convicções sobre aquilo que conhece se concretizam, e quando nenhum outro poder externo possa a vir a questionar ou retirar essas convicções (MARTINS, 1983, p.28).

Avaliação: um instrumento em construção

O ato de avaliar, por sua constituição mesma, não se destina a um julgamento definitivo sobre alguma coisa, pessoa ou situação, pois não é um ato seletivo. A avaliação se destina ao diagnóstico e, por isso mesmo, à inclusão. Hoffmann conceitua avaliação como:

[...] um instrumento contínuo, compreensivo que se insere ao longo do processo de ensino-aprendizagem, não para surpreender alguém ou erro e identificá-lo, depois, com uma classificação que o rotule para o resto de seu percurso escolar, mas é uma forma de acompanhar, perseverantemente o educando, na observação de seu desempenho, para ajudá-lo a superar-se e a tomar consciência de si mesmo no mundo escolar, familiar e social (HOFFMANN, 1998, p. 17).

Examinados estes aspectos, considera-se que no processo ensino-aprendizagem uma avaliação de qualidade se compromete com o avanço do sujeito, estimula seu desenvolvimento, o desperta para suas possibilidades, cria expectativas positivas, aguça a curiosidade e eleva a auto-estima do aluno, isso tudo possibilitando o alcance do sucesso escolar. Hoffmann complementa muito bem essa idéia dizendo que:

A ação avaliativa torna-se mediadora à medida que focaliza o processo, transformando-se no elo entre tarefas de aprendizagem, e permitindo, ao final de uma trajetória do aluno, a análise global do seu desenvolvimento. Por certo, o olhar do professor precisa acompanhar a trajetória do pensamento do aluno, fazendo-lhe sucessivas e constantes provocações, para poder complementar as hipóteses sobre o seu saber e sobre o seu jeito de alcançar o saber. (HOFFMANN, 1998, p. 83).

Este mesmo autor complementa dizendo que a avaliação deixa de ser um momento terminal para se transformar na busca incessante de compreensão das dificuldades do educando e na dinamização de novas oportunidades de conhecimento. Pode-se dizer que, a avaliação tem como pressuposto oferecer ao professor a oportunidade de verificar continuamente se o planejamento, as atividades, métodos, procedimentos, discursos que ele utiliza, estão efetivamente auxiliando o aluno na sua aprendizagem. Neste enfoque o professor avaliará a si mesmo, ao aluno e ao processo ensino-aprendizagem.

Para confirmar esta crença, destaca-se o pensamento de Vasconcelos:

A ênfase ao papel do professor na avaliação não vem do fato de considerá-lo o grande responsável; mas da perspectiva de que possa haver o crescimento

do grau de consciência e o assume do seu papel de agente histórico de transformação. Entendemos que a efetiva mudança de mentalidade vem articulada a uma mudança prática. Pela sua prática o professor deve deslocar o lixo do seu trabalho de fiscalizar, medir, julgar para propiciar a aprendizagem, ou seja, o maior objetivo do professor não deve ser o de saber o quanto o aluno sabe, mas sim, de garantir a aprendizagem de todos. (VASCONCELOS, 1995, p.8)

A força desse pressuposto é indiscutível. O compromisso do professor é grande, porém ele deverá, antes de tudo, tornar-se um ser humanizado, ser uma pessoa flexível e criadora que, sem medo, mas com confiança, pode vir a enfrentar o futuro, possibilitando ao aluno ser também o responsável pelas transformações.

Transgredir e mudar a avaliação escolar

Transgredir vem ao encontro com idéias de inovação da escola e no sistema de avaliação, Hoffmann (2000) apresenta que a sociedade espera da avaliação um julgamento, uma vez que se constitui em componente decisivo a questão de resultados, distorcendo a crença popular de que o professor tende a ser menos exigente não oferecendo o mesmo ensino competente das antigas gerações.

Deve-se ter o entendimento de que a transgressão se dirige ao domínio da psicologia instrucional, neste sentido pretende-se transgredir a visão da avaliação escolar, baseados nos conceitos apresentados com objetivos estáveis e universais e não como realidades socialmente construídas que, por sua vez, reconstroem-se nos intercâmbios de culturas e bibliografias que têm lugar na sala de aula (ESTEBAN, 2001).

O autor citado afirma a importância em:

[...] redefinir o sentido da avaliação educacional vai adquirindo maior urgência conforme vamos aprofundando de que vivemos num mundo plural [...]. A ruptura com uma dinâmica de avaliação baseada na exclusão é importante, sobretudo quando acreditamos que o diálogo cria a possibilidade de um movimento em que cada um/a dos participantes encontrando um modo, dentre os vários possíveis, de entender o mundo (ESTEBAN, 2001, p. 169).

Também nesta perspectiva Moretto (2002, p. 95) propõe “uma nova relação entre o professor, o aluno e o conhecimento, que parte do princípio em que o aluno não é um simples acumulador de informações, ou seja, um mero receptor-repetidor”. Neste

sentido, faz-se necessária uma mudança na concepção do ensino-aprendizagem com variações no tratamento dos conteúdos e também nas formas de entender a avaliação.

Além da avaliação, deve-se transgredir a visão do currículo escolar no processo avaliativo como um todo. Como bem resume Méndez:

As mudanças no processo de avaliação devem ser parte de um programa muito mais amplo de inovação, abrangendo currículo e didática, tanto quanto avaliação. Os três elementos, juntos com os conteúdos de aprendizagem que abarcam, estão estrutural e funcionalmente relacionados (MÉNDEZ, 2002, p. 40).

Concordando com Méndez (2002) & Moretto (2002), quando dizem que a tarefa do professor é despertar nos alunos curiosidade em aprender, Vasconcellos ressalta que:

O professor deve estar convencido do que tem de ensinar. Embora isso pareça elementar, evidencia-se no concreto que a preocupação maior do professor não está sendo ensinar, mas medir, quantificar, inclusive até de um jeito renovado. Fala-se, por exemplo, da necessidade de avaliar constantemente e então quando o aluno está falando, o professor ao invés de estar prestando atenção, fica pensando: “Quanto será que ele merece pelo que está falando?” Está tão preocupado em quantificar, que não pode interagir com a fala do aluno. Mesmo mudando alguma prática, não se muda a compreensão do que é essencial, não favorecerá o avanço (VASCONCELLOS, 1998, p. 79).

Para transgredir a incapacidade da escola, é necessário repensar de maneira permanente, dialogar com os transgressores que acontecem na sociedade, nos alunos e na própria avaliação. Avaliação precisa ser refletida a todo momento, porque as representações, os valores sociais e os saberes disciplinares estão mudando, e a escola que hoje temos responde ainda problemas e necessidades antigas.

Portanto, para que o processo de avaliação se efetive, é necessário discutir, questionar, refazer, renovar o que temos, o que está escrito, a prática, o processo de ensino-aprendizagem. A escola precisa reorganizar-se, apropriando-se de metodologias, técnicas e recursos que permitam a implementação do paradigma da cooperação e da autonomia, ao contrário, do modelo competitivo alienante e individualizante que se apresenta no momento.

A partir deste pensamento, deve-se apontar pela busca de alternativas de trabalho, que possam corresponder a um ensino-aprendizagem realmente significativo e eficiente. Para tanto, é importante que o professor esteja sempre atualizado em seu conhecimento prático e teórico, para que possa ser um mediador com espírito criador,

inovador, cooperativo, auxiliando o outro a enriquecer os conhecimentos. Neste sentido, são bastante oportunos e eloquentes os comentários de Demo, acerca desta questão:

Para não ser mero objeto de pressões alheias, é mister encarar a realidade com espírito crítico, tornando-a palco de possível construção social alternativa. Aí, já não se trata de copiar a realidade, mas de reconstruí-la conforme os nossos interesses e esperanças. É preciso construir a necessidade de construir caminhos, não receitas que tendem a destruir o desafio de construção. Predomina em nós a atitude de imitador, que copia, reproduz e faz prova. Deveria impor-se a atitude de aprender pela elaboração própria, substituindo a curiosidade de escutar pela de produzir (DEMO, 1987, p. 37).

Complementar ao exposto até aqui, Libâneo (1994) apresenta em seus estudos que “a avaliação é uma reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho escolar tanto do professor como dos alunos”. Nesse sentido, procura-se atentar para alguns pontos, tais como diagnosticar as dificuldades dos alunos e controle sobre o processo de ensino-aprendizagem. Porém, o que prevalece, e mais importante, é o grau de comprometimento entre as partes para que ocorra uma aprendizagem verdadeira.

Descrição da amostra e discussão dos dados

O universo de pesquisa foram os anos iniciais do ensino fundamental de uma escola da Rede Estadual de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, com ensino fundamental completo, situada na cidade de São Luiz Gonzaga, que conta com um número de, aproximadamente, 200 alunos nas séries iniciais, oriundos de quase todos os bairros da cidade. Os participantes da pesquisa foram os oito professores que atuando em sala de aula nos anos iniciais, foram entrevistados no mês de agosto de 2011. O objetivo da pesquisa foi verificar a possibilidade de transgredir e mudar a avaliação nos anos iniciais.

Os professores participantes da pesquisa quando questionados sobre como viam seus alunos, responderam de forma homogênea como sendo estes o ponto de partida para elaboração de seus planos de aula, diretriz do trabalho e do planejamento. Estes acreditam que o aluno é o foco de todo o processo pedagógico, sobre tudo, vêem o aluno como o ser humano que é sendo respeitados em suas particularidades, e tudo o que isto implica no cotidiano escolar e respectivamente em suas aprendizagens. Vindo ao encontro do que o educador Paulo Freire (1998) diz que o parâmetro de crescimento,

de superação de dificuldades é o próprio aluno, que é medido por ele mesmo e não pelos outros.

Ao interpretarem os alunos como ponto de partida para o desenvolvimento de seu trabalho, os participantes da pesquisa, os percebem como Freire ao mostrar que o “andarilho da utopia” é representado como uma grandiosa obra de tecelagem, onde cores, fios e formas se misturam e se completam configurando novas imagens de sonho, de emancipação, de libertação, enfim de ser gente.

Outro dos ensinamentos básicos da pedagogia de Freire é que a educação não é neutra, e nos leva a refletir sobre a politicidade da avaliação, ou seja, responder às seguintes indagações: Avaliação pra que? Para quem? A favor de quem? Contra quem?

A esse respeito os participantes apresentaram respostas comuns dizendo que seu trabalho é

“direcionado para uma aprendizagem contínua, servindo para subsidiar o trabalho pedagógico, redirecionando o processo ensino-aprendizagem, para sanar dificuldades e aperfeiçoá-lo constantemente. Ela é um processo de acompanhamento e compreensão dos aspectos necessários para que os objetivos possam ser atingidos. Sempre realizada de forma a atingir objetivos comuns (PARTICIPANTE 2).

A respeito do sistema de avaliação utilizado na escola, os entrevistados destacam a necessidade de estudos permanentes, em vista as mudanças recentes na forma de apresentarem os resultados da avaliação. A avaliação, em discussão é feita em forma de parecer descritivo e nem todos estão suficientemente fundamentados para atender o que se espera em avaliação, correndo o risco de algumas injustiças quanto à aprendizagem do aluno e até mesmo na forma como os pais a interpretam.

Há uma imagem psicológica coletiva muito forte em relação à avaliação, a tal ponto que quando se tenta mudar algo, a família entende que a escola não esta cumprindo seu papel. Isso fica claro quando se analisa o que um dos participantes relata a respeito do que realmente os alunos, pais e, até mesmo, os professores esperam de uma avaliação: “a estrutura atual da sociedade num âmbito geral considera sempre que avaliar é fundamental e é necessário que “tiremos sempre boas nota, preferencialmente altas” (PARTICIPANTE 8).

A esse respeito, nos remetemos aos pensamentos de Perrenoud (1993, p. 176), quando diz que “mudar o sistema de avaliação conduz inevitavelmente a privar uma boa parte dos pais dos seus pontos de referência habituais, criando ao mesmo tempo incertezas e angustias”

Existe a consciência de que o educador trabalha constantemente pela melhoria da qualidade do ensino e desta forma, o objetivo ao avaliar é diagnosticar o processo ensino aprendizagem e coletar informações para corrigir possíveis distorções nele observados. O acompanhamento diário, realizado na escola, com todas as informações que proporciona (habilidades cognitivas, atitudes e procedimentos em situações naturais e espontâneas), pode-se dizer que consiste em uma forma emancipatória e transgressora na avaliação.

Ao indagarmos sobre a possibilidade de transgredir a avaliação encontramos opiniões divergentes, pois pensa-se no sistema educacional e social em geral, pautado pela competição em todos os setores, porém acreditam que sempre é possível a mudança, apostando no professor de hoje, que é aquele que está em constante atualização, seja em grupo ou individual, mudando seus paradigmas, como nos colocou um dos participantes:

Sempre é possível mudar e a mudança nesse caso deve ser acompanhada por uma transformação de ênfase na maneira de avaliar o aluno, analisando até que ponto os alunos partilharam descobertas, confirmaram hipóteses, construíram e compreenderam conceitos, ou seja, envolveram-se em todo o processo educativo. E também, acredito que o professor é aquele que estuda e pesquisa constantemente o ensino e a aprendizagem, no seu grupo e na sua individualidade, fatores primordiais à formação continuada (PARTICIPANTE 3).

Considerando que, na escola, se trabalha com metodologia de projetos, os professores estão constantemente buscando autores que forneçam subsídios para embasamentos teóricos relacionados aos projetos em desenvolvimento. Porém, não deixam de buscar apoio em Vygotsky, Paulo Freire, Emilia Ferreiro, Celso Antunes e Wallon, sempre apoiados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Um dos participantes relatou que a cada leitura, na elaboração e avaliação de cada novo projeto “há nova aprendizagem, que mexe com o pensar e, muitas vezes, reformula o agir, dependendo do contexto nos ajuda a entender o problema que estamos passando no momento e buscar soluções” (PARTICIPANTE 5).

Neste sentido, quando abordamos da avaliação do projeto pedagógico, apoiamo-nos nas contribuições de Saul (1998), que defende a avaliação emancipatória. Esta modalidade de avaliação apresenta dois objetivos básicos: iluminar o caminho da transformação e realizar uma análise da realidade escolar, sem vistas à classificação ou atribuição de valor, mas com foco na investigação das causas dos problemas existentes,

em busca de alternativas para superá-los. Ou seja, avaliar os resultados da própria organização do trabalho pedagógico.

Pode-se dizer que a avaliação emancipatória caracteriza-se como um processo de descrição, análise e crítica de uma dada realidade, visando transformá-la, situada numa vertente político pedagógica cujo interesse é primordial é emancipador, libertador visando provocar crítica e fazer com que as pessoas envolvidas na ação educacional escrevam sua própria história.

Foi oportunizado um estímulo e um embasamento teórico que efetivamente transformará idéias e práticas no ato de avaliar, podendo vir a mudar a posturas dos educadores. Espera-se que o grupo de professores que marcaram presença nesse estudo continue na busca de novas leituras referente ao tema, de maneira a transgredir a avaliação escolar.

Considerações finais

Refletir sobre a avaliação tem nos levado constantemente a abrir novas portas. Encontrando algumas respostas, também nos deparamos com novas perguntas ou com novos modos de organizar antigas questões, ou ainda, com outras possibilidades de percepção dos trajetos realizados e dos nós atados e desatados no percurso. Estabelecemos uma dinâmica em que os caminhos ainda não trilhados, mas sinalizados, se mesclam aos já percorridos, criando novas possibilidades de compreensão, de formulação e de atuação.

Finalizando, não alimentaremos aqui a pretensão de construir respostas definitivas às principais questões levantadas sobre como transgredir a avaliação da aprendizagem, pois, se assim fosse, cairíamos em flagrante contradição por negar a própria dialeticidade problemática em foco.

Se partirmos do problema central proposto nesse trabalho, é possível constatar um permanente tensionamento entre as dimensões básicas que constituem o fenômeno da avaliação da aprendizagem. Ou seja, buscamos problematizar os atuais desafios da avaliação para manter viva a utopia de construção de uma avaliação emancipada diante da contemporaneidade a política, econômica, cultural e social de nosso mundo, que se caracteriza pela exclusão da maioria dos seres humanos.

A exigência de redefinir o sentido de avaliação educacional adquire maior urgência conforme aprofundemos a percepção de que vivemos num mundo plural. Este

é um percurso que se anuncia e nos desafia. Assumindo a heterogeneidade, o movimento, a diferença, a imprevisibilidade, a complexidade, como marcas do cotidiano escolar é percebemos a necessidade de aprofundar nosso conhecimento nas teorias que trabalham para além do paradigma da simplificação.

Nesse contexto, as mudanças não podem ser impostas, precisam ser construídas cotidianamente de modo que a perspectiva democrática vá impregnando as práticas de avaliações, sendo incorporada pelo senso comum, convencendo as pessoas e se construindo como um consenso. Neste sentido, as transformações das práticas avaliativas, com finalidades de torná-las mais democráticas, têm que ser resultado do diálogo, da comparação entre opiniões, conhecimentos e com visões diferentes.

Novas questões são formuladas, sinalizam novos objetivos, delineiam novos percursos e convidam a continuar nosso trabalho. Novos olhares que mostram a produtividade do diálogo entre conhecimento e desconhecimento, que percebem todo o ponto de chegada como indício de novos pontos de partida, sendo ambos marcados pelos erros e acertos, num processo contínuo e desafiador. Desafio inscrito na necessidade humana de sonhar utopias e tecer coletivamente trajetos para torná-las realidade.

Concluimos que transgredir, emancipar, e transformar avaliação ainda é um desafio enorme, se considerarmos os entraves concretos da realidade social que precisamos transpor para efetivamente nos constituirmos em povos livres e emancipados no amplo sentido desses termos. Para isso, faz-se necessário conservarmos coletivamente o horizonte de nosso tempo histórico, que implica a vivência intersubjetiva do sonho e da esperança em um modo mais humanizado, belo e feliz. O ponto de partida para essa utopia coletiva deve ser o nosso “mundo da vida” historicamente situado, tendo como preocupação central entender o que nos caracteriza como próprios, distintos e originalmente, diferentes das demais culturas. A partir daí será possível construir novos caminhos, para a vida humana em sociedade, relativizando os padrões de qualidade de vida verticalmente ditados pelos países ricos.

Acreditamos que o nosso futuro está relacionado com a transgressão e reinvenção da avaliação escolar, pois este novo milênio não permite mais cidadãos pacatos como de fossem meros fantoches nas mãos de quem os ensina. É nesse processo emancipatório fundamentado no mundo da vida, que é o grande potencial para reinventar e transgredir as formas do viver humano, superando as crises que

socioculturalmente nos atingem desenvolvendo o potencial de humanização intrínseco à própria vocação do “ser pessoa”.

Referências Bibliográficas

- DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1987.
- FREIRE, Madalena e outros. Avaliação e planejamento: a prática educativa em questão. In: **Instrumentos metodológicos**. São Paulo: Espaço Pedagógico. Série Seminário, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**: uma prática em construção. Porto Alegre: medianeiro, 1998.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. 14ª ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- _____. **Avaliação mito & desafio**: uma perspectiva construtivista. 29ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- LUCKESI, C.C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- MARTINS, R.D. **Sept études sur la perception**. Accent et intonation du portugais. 2a. ed., Lisboa: Laboratório de Fonética da Universidade de Lisboa, 1983.
- MÉNDEZ, Juan. **Avaliar para conhecer**: examinar para excluir. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- MORETTO, Vasco Pedro. **Prova**: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas. Rio de Janeiro: ____ , 2002.
- PERRENOUD, Philippe. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens. Entre duas lógicas. Trad. Patrícia Mitanni Ramos. Porto Alegre: Artes médicas Sul, 1993.
- SAUL, Ana Maria. **Avaliação emancipatória**. Desafio à teoria e a prática de avaliação e reformulação do currículo. 2 ed. São Paulo: Cortes, 1998.
- VASCONCELLOS, Celso. **Avaliação da aprendizagem**: Práticas de mudanças – Por uma práxis transformadora. 3.ed. São Paulo: Libertad, 1998.
- VASCONCELLOS, Celso. **Avaliação concepção dialética**. Libertadora do processo de avaliação escolar. São Paulo: Libertad, 1995.